

LEITURA PRÉVIA

MÓDULO II


ENCONTRO 1



ORDEM GLOBAL

INTRODUÇÃO

Um espirro na China causando surto de pneumonia financeira no Brasil? Hipotecas nos EUA comprometendo toda a economia europeia? Vivemos em um tempo complexo, certamente muito distinto daqueles em que nossos pais e avós foram criados. Este material trará alguns pontos fundamentais sobre a reorganização dos velhos poderes, assim como a emergência de novos dentro de uma ordem pela primeira vez verdadeiramente multipolar. Prepare-se para explorar o nosso “admirável mundo novo”.



1

ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES



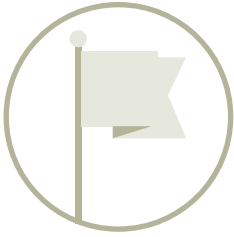
CAPITALISMO

O capitalismo é um sistema econômico em que os meios de produção, distribuição, decisões sobre oferta, demanda, preço, e investimentos são em grande parte ou totalmente de propriedade privada e com fins lucrativos e não são feitos pelo governo. Os lucros são distribuídos para os proprietários que investem em empresas. Predomina o trabalho assalariado. É dominante no mundo ocidental desde o final do feudalismo. O termo capitalismo foi criado e utilizado por socialistas e anarquistas (Karl Marx, Proudhon, Sombart) no final do século XIX e no início do século XX, para identificar o sistema político-econômico existente na sociedade ocidental quando se referiam a ele em suas críticas, porém, o nome dado pelos idealizadores do sistema político-econômico ocidental, os britânicos John Locke e Adam Smith, dentre outros, já desde o início do século XIX, é liberalismo.



SOCIALISMO

Teoria, ou sistema de organização social que advoga sobre a propriedade privada, o controle dos meios de produção, capital, terra e da comunidade como um todo. Socialismo refere-se a qualquer uma das várias teorias de organização econômica, advogando a administração e a propriedade pública ou coletiva dos meios de produção e distribuição de bens, assim como uma sociedade caracterizada pela igualdade de oportunidades e meios para todos os indivíduos, com um método igualitário de compensação. Atualmente, teorias socialistas são partes de posições da esquerda política, relacionadas com as atuações de Estado de bem-estar social. O socialismo moderno surgiu no final do século XVIII tendo origem na classe intelectual e nos movimentos políticos da classe trabalhadora que criticavam os efeitos da industrialização e da sociedade sobre a propriedade privada. Karl Marx afirmava que o socialismo seria alcançado através da luta de classes e de uma revolução do proletariado, tornando-se a fase de transição do capitalismo para o comunismo.



FASCISMO

Um sistema de governo com poder centralizado e forte, que não permite oposição ou crítica e com controle sobre todos os temas de uma nação (industrial, comercial, social...). Fascismo é uma forma de radicalismo político autoritário nacionalista que ganhou destaque no início do século XX na Europa. Os fascistas procuravam unificar sua nação através de um Estado totalitário que promove a vigilância, um estado forte, a mobilização em massa da comunidade nacional, confiando em um partido de vanguarda para iniciar uma revolução e organizar a nação em princípios fascistas hostis ao socialismo e ao comunismo em todas as suas formas. Influenciado pelo sindicalismo nacional, o fascismo criado na Itália durante a Primeira Guerra Mundial combina mais tipicamente posições de direita com elementos da política de esquerda, em oposição ao liberalismo, ao marxismo e ao conservadorismo tradicional.



POPULISMO

O termo populismo é utilizado para designar um conjunto de práticas políticas que consiste no estabelecimento de uma relação direta entre as massas e o líder carismático (como um caudilho, por exemplo) para se obter apoio popular, sem a intermediação de partidos políticos ou entidades de classe.



SOFT POWER

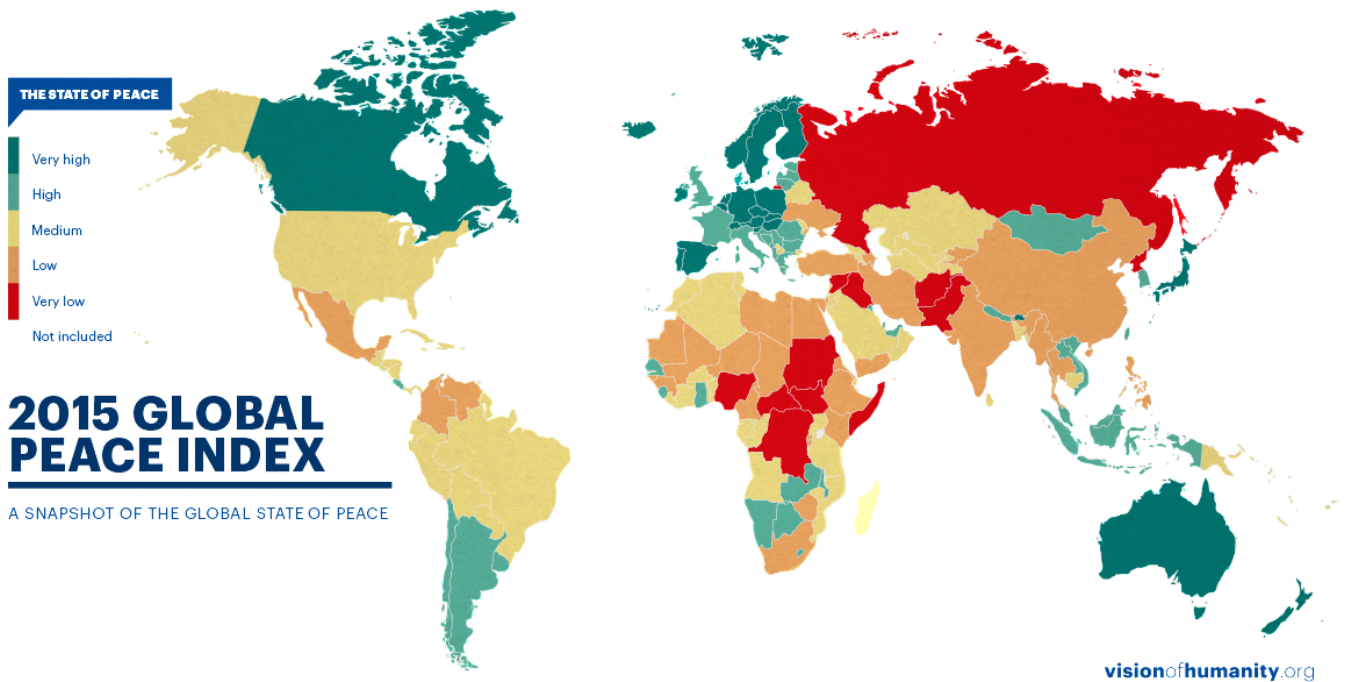
Termo cunhado pelo cientista político Joseph Nye na década de 80, descreve um tipo de poder empregado pelos países, instituições e ONGs em suas relações, que não reside nem na força militar nem no poderio econômico. A capacidade de influenciar culturalmente, assim como o uso de diplomacia, fazem parte deste poder brando. Analistas como FHC consideram o Soft Power um dos instrumentos mais importantes dentro do atual reordenamento mundial.

PAZ



A paz não é somente a ausência de conflitos, mas requer também um processo positivo, dinâmico e participativo em que se promova a solução de conflitos num espírito de entendimento e cooperação mútuos. Para a UNESCO, a maior garantia de uma paz firme e duradoura é que esta se converta em cultura dos povos. Que substitua nas mentes, nos comportamentos e nas instituições a hegemonia da cultura de guerra. A cultura de paz é uma proposta para que as relações humanas sejam permeadas pelo diálogo, pela tolerância, pela consciência da diversidade dos seres humanos e de suas culturas.

MAPA DA PAZ GLOBAL 2015



2 A ORDEM GLOBAL NO SÉCULO XX

O século passado foi marcado por guerras e revoluções. Como resultado, surgiram instituições que marcaram e que continuam marcando a dinâmica entre as nações.



RELEMBRANDO: PAZ DE WESTFÁLIA

A Paz de Westfália (1648), que deu fim à Guerra dos Trinta Anos, marcou o começo da hegemonia da França na Europa e do declínio do poder da casa austríaca de Habsburgo. Ela também afirmou a supremacia do poder temporal (não religioso) sobre o papado católico, essencial para a consolidação das monarquias nos países europeus. Com ela, surge o conceito de soberania estatal, com direitos equânimes dos estados, baseado numa ordem intergovernamental constituída por tratados e sujeitos à lei internacional - que nós mantemos ainda hoje.

2.1

ONU

(Organização das Nações Unidas)

Após a Segunda Guerra e as sucessivas falhas da Liga das Nações em conter os conflitos da época, a Organização das Nações Unidas surgiu, na década de 1940 - pouco após o Acordo de Bretton Woods, que definiu o Banco Mundial e o FMI -, para manter a paz mundial e defender os direitos humanos.



Secretário-geral anterior: Kofi Annan, de Gana (1997-2007)



Secretário-geral atual: Ban Ki-Moon, da Coreia do Sul (desde janeiro de 2007).

“PARA RESPONDER A PROBLEMAS CADA VEZ MAIS COMPLEXOS, O MUNDO PRECISA DE UMA ONU FORTE E ÁGIL. A FORÇA DA ONU PASSA POR UMA ASSEMBLEIA GERAL MAIS ATUANTE, MAIS PRES-TIGIADA, E POR UM CONSELHO DE SEGURANÇA MAIS REPRESENTATIVO, CUJA COMPOSIÇÃO NÃO PODE CONTINUAR A REFLETIR O ARRANJO ENTRE OS VENCEDORES DE UM CONFLITO OCORRIDO HÁ MAIS DE 50 ANOS.” - **Fernando Henrique Cardoso em discurso na ONU (2001)**



- ✓ Inicialmente com **51 membros**, a ONU hoje conta com **193 nações**
- ✓ Únicos países não-membros: Vaticano, territórios palestinos e Sahara Ocidental.
- ✓ Línguas oficiais: árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo.

Como a ONU funciona?



5 MEMBROS PERMANENTES NO CONSELHO DE SEGURANÇA:

EUA
REINO UNIDO
FRANÇA
CHINA
RÚSSIA

- Poder de veto de decisões: É exercido exclusivamente pelos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, permitindo-lhes evitar a adesão da ONU de qualquer decisão ou projeto ou abster-se de qualquer conflito, independente do apoio internacional.

+ 10 países com mandatos de dois anos cada, no Conselho de Segurança.

Atualmente os dez países eleitos são: Angola, Egito, Espanha, Japão, Nova Zelândia, Malásia, Senegal, Ucrânia, Uruguai e Venezuela.

- O financiamento da ONU é feito por contribuições voluntárias de todos os países-membros de acordo com o PNB de cada país. Os maiores financiadores são Alemanha, Estados Unidos e Japão.



INSTÂNCIAS ADMINISTRATIVAS DA ONU

- ✓ Assembleia deliberativa em que todos os países membros têm representação igualitária.
- ✓ Conselho de Segurança: decide determinadas resoluções de paz e segurança.
- ✓ Secretariado: fornece estudos, informações e facilidades necessárias para a ONU.
- ✓ Tribunal Internacional de Justiça: principal órgão judicial.
- ✓ Além de órgãos complementares de todas as outras agências do Sistema das Nações Unidas, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Programa Alimentar Mundial (PAM) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).



LISTA DE METAS PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL, CRIADA PELA ONU:

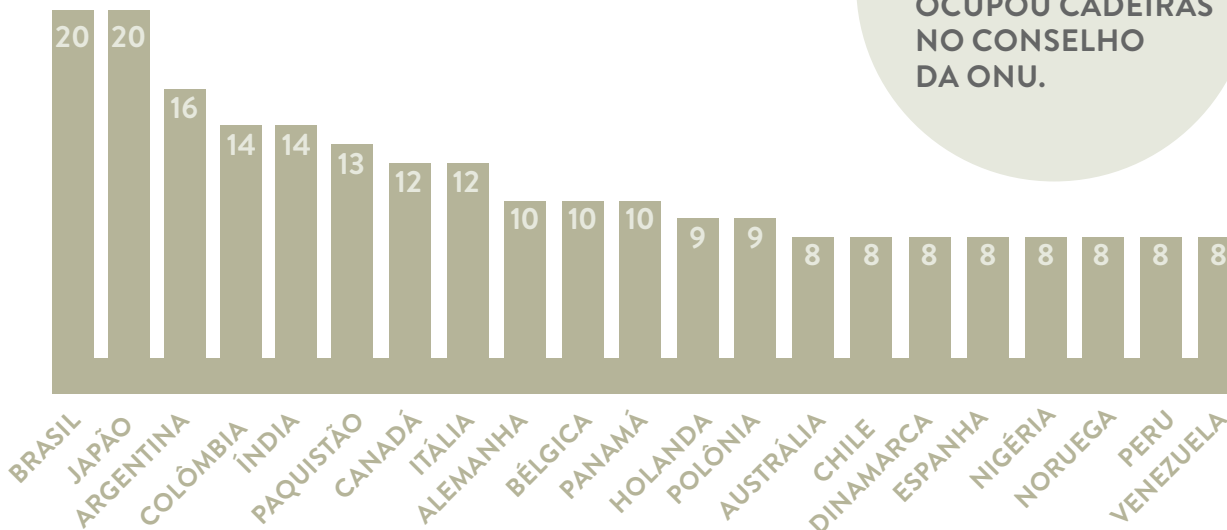


Fonte: ONU, 2015 “17 Objetivos para transformar nosso mundo” (<https://nacoesunidas.org/pos2015/>)



O PAPEL DO BRASIL NA ONU

PAÍSES QUE MAIS PARTICIPARAM DAS VAGAS ROTATIVAS
DO CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU
POR NÚMERO DE ANOS (DE 1945 A 2012)



JUNTO COM O
JAPÃO, O BRASIL É
O PAÍS QUE MAIS
OCUPOU CADEIRAS
NO CONSELHO
DA ONU.



O PAPEL DO BRASIL NA ONU



O Brasil foi eleito com **182 votos** dentre **183 países** votantes em 2013, no último mandato do país na vaga rotativa do Conselho de Segurança.



Participou de 50 missões de paz da ONU, entre 1948 e 2015. Enviou uma força de 46 mil militares e profissionais em geral para os campos de conflito.



Lidera a Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti) desde 2004.



BANCO MUNDIAL

O Banco Mundial é herdeiro do Acordo de Bretton Woods, realizado na cidade norte-americana de mesmo nome em 1944, quando o fim da Segunda Guerra já se prenunciava. Criado como um banco para fornecer empréstimos a países em desenvolvimento ou com problemas financeiros, atua como aliado do FMI.

SEDE:

Estados Unidos da América

FINANCIAMENTO:

Assim como a ONU, é financiado pelos países com maiores condições. Portanto, o controle da instituição fica nas mãos das grandes potências tradicionais. Hoje, o principal acionista continua sendo os EUA.

ENTRE AS SUAS ATIVIDADES ESTÃO EMPRÉSTIMOS VARIADOS PARA:

Projetos de infraestrutura;
Programas sociais dos países associados;
Financiamento de dívidas públicas e socorro a países em crise (como ocorreu na Grécia, que, até 2015, devia em torno de 2 bilhões de euros ao FMI).

O BANCO MUNDIAL DEFINIU DUAS METAS PARA O MUNDO QUE DEVEM SER CUMPRIDAS ATÉ 2030:

META 1

Acabar com a pobreza extrema por meio da diminuição das pessoas que vivem com menos de \$1,90 por dia para no máximo 3%.

META 2

Impulsionar a prosperidade compartilhada em todos os países em desenvolvimento.

O PAPEL DO BRASIL COM O BANCO MUNDIAL

O Banco Mundial é parceiro do Brasil há mais **de 60 anos**.

Apoiou o governo brasileiro, estados e municípios em **mais de 430 financiamentos**, doações e garantias que somam quase **50 bilhões de dólares**.

Programas atuais com participação do Banco Mundial: Bolsa Família, tratamento/acompanhamento de DST/Aids, projetos comunitários de desenvolvimento rural no Nordeste e o ARPA para proteção da Amazônia.

2.2

G8 (Grupo dos 8)

O G8 é um grupo internacional formado por oito dos mais poderosos países do mundo com o objetivo de debater e planejar ações para as grandes questões globais do momento.

QUEM FAZ PARTE?

ALEMANHA
CANADÁ
ESTADOS UNIDOS
FRANÇA
ITÁLIA
JAPÃO
REINO UNIDO
RÚSSIA

O PAPEL DO BRASIL COM O G8

“PENSÁVAMOS EM UM MUNDO MULTIPOLAR, MAS, AO CONTRÁRIO, VIMOS A CONCENTRAÇÃO COM A CRIAÇÃO DO GRUPO DOS PAÍSES MAIS RICOS (G-8). TENHO A SENSAÇÃO DE QUE ESSE GRUPO SE REÚNE PARA CONSOLIDAR AS DECISÕES DE UM SÓ COMANDO. ESSE NÃO É O MUNDO QUE ESPERÁVAMOS VER, É UM MUNDO UNILATERAL. E NÓS DEFENDEMOS A MULTILATERALIDADE” - **Fernando Henrique Cardoso, em 2002, durante a II Reunião dos presidentes da América Latina.** <http://goo.gl/xyzExf>

Tendo seu embrião formado em 1975, pelo presidente da França Valéry G. d'Estaing, o grupo se reúne anualmente para debater questões globais, como:

- DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL;
- CLIMA, ENERGIA E MEIO AMBIENTE;
- SAÚDE;
- ERRADICAÇÃO DA POBREZA E FOME;
- SEGURANÇA INTERNACIONAL;
- ENTRE OUTROS.

Os membros definem políticas e metas, porém, o cumprimento destas é voluntário.

Exemplos de acordos frutos dos encontros do G8:

Programa de US\$ 20 bilhões de estímulo à produção de alimentos para países subdesenvolvidos (2009);

Declaração que condenava o uso de armas químicas na Síria (2013);

Redução de emissão global de gases de efeito estufa entre 40% e 70% até 2050, com base nos níveis de 2010 (2015).

O QUE DIZEM OS CRÍTICOS

“O G8 NÃO CONSTITUI MAIS AS MAIORES E MAIS DINÂMICAS ECONOMIAS DO MUNDO; O G8 NÃO CONTEMPLA TODAS ARMAS NUCLEARES; O G8 NÃO REPRESENTA NENHUMA IDENTIDADE OU VALOR EM PARTICULAR – COM A RÚSSIA NO GRUPO, TAMBÉM DIFICILMENTE PODE SER CONSIDERADO UM DEFENSOR DA DEMOCRACIA” - Ishaan Tharoor (artigo da Time, 2011)



VOCÊ SABIA?

O PIB agregado dos países do G8 corresponde a 50% da economia global.

A Rússia foi o último país a integrar o grupo, em 1997, até então conhecido como G7. Porém, desde março de 2014, o país foi suspenso do grupo como forma de retaliação à recente anexação da Crimeia (Ucrânia). O G8 passa a ser G7 novamente.

3 A NOVA ORDEM GLOBAL

O fim da Guerra Fria, na década de 1990, consolidou a posição dos Estados Unidos como líder absoluto em termos econômicos, militares e políticos do planeta. Em meados dos anos 2000, contudo, teve início a despolarização da economia global com a ascensão progressiva de novos personagens, liderados pela China. Foi o começo de uma mudança sem precedentes, em que parcerias econômicas se firmam entre os antigos países de “terceiro mundo”, que passam a obter protagonismo no cenário mundial.

DE UM LADO, AS “GRANDES” POTÊNCIAS...

Em 2000, as grandes potências mundiais, à época representadas sobretudo por EUA, União Europeia e Japão, respondiam por 70% do PIB mundial e 55% das exportações globais.

Até 2011, esses números caíram, respectivamente, para 65% e 45%, enquanto os antigos “periféricos” só cresceram em participação.

Grande parte do aumento do protagonismo das economias emergentes se deve à crise imobiliária dos EUA em 2008, que gerou uma queda significativa no desempenho das economias desenvolvidas.

“A NOVA ORDEM GLOBAL NÃO PODE SER IMPOSTA, MAS COMPARTILHADA; NÃO DEVE SER ESPOLIADORA, MAS PROMOTORA DO BEM-ESTAR DA HUMANIDADE” - **Fernando Henrique Cardoso**, em <http://goo.gl/HEiyJB>

POR OUTRO LADO, AS ECONOMIAS EMERGENTES...

Mesmo afetadas, as economias emergentes mantiveram o PIB mundial em crescimento.

Crescem os acordos comerciais entre países periféricos - ultrapassando os de mesma ordem feitos com as grandes potências:

53% do comércio internacional foi efetuado dentro da Ásia, em 2010.

Parcerias vêm se firmando especialmente entre África, América Latina e Ásia.

O PAPEL DO BRASIL NA ECONOMIA GLOBAL

O Brasil, hoje, exporta mais para as economias emergentes do que para as velhas potências.

Atualmente, a China é a maior parceira comercial do país, superando os EUA e iniciando uma tradição entre o Brasil e a Ásia como um todo.

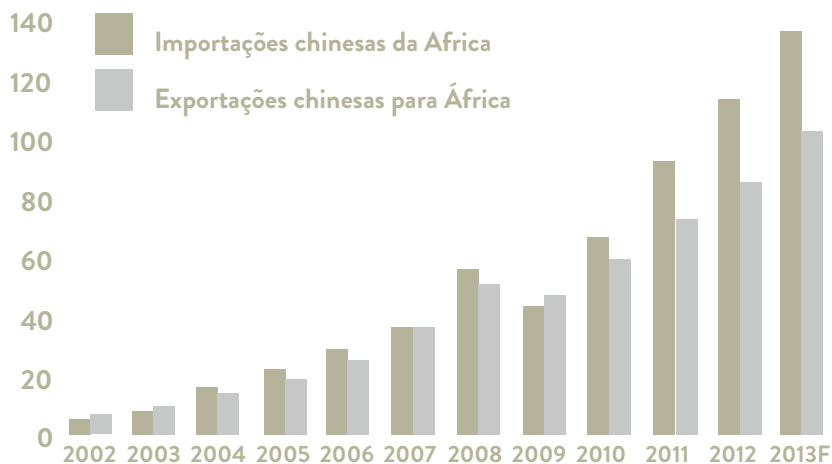
No agronegócio: conforme relatório do Ministério da Agricultura, em 2015, 44,6% das exportações agrícolas brasileiras tiveram como destino o mercado asiático - seguido pela União Europeia.

A nova ordem vem dando espaço a países historicamente explorados, como os do continente africano – visto hoje como futuro caminho de desenvolvimento, dada a grande quantidade de recursos naturais, em torno de um bilhão de habitantes, 30 milhões de quilômetros quadrados e muito espaço para investimento.

A China investiu, no total, 75 bilhões de dólares ao longo de dez anos em diversos países da África.

Fonte: Center for Global Development (2013).

CHINA-ÁFRICA IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES (USD BN, 2002 - 2013)



MAS NEM TUDO É O QUE PARECE...

A globalização e a despolarização da economia podem provocar a impressão de estarmos diante de um mundo mais justo. Porém, os dados mostram uma realidade completamente diferente: a desigualdade e a concentração de riqueza só aumentam.

Conforme o estudo anual de riqueza produzido pelo banco Credit Suisse, em sua edição 2015, 0,7% da população mundial monopoliza 45,2% da riqueza total, e os 10% mais ricos do mundo controlam 88% dos ativos somados. Foi o primeiro ano em que este patamar foi atingido.

“A ERA DOS IMPÉRIOS PROVAVELMENTE TERMINOU EM PROVEITO DE UM MOMENTO EM QUE CONTINUA A EXISTIR UM SISTEMA ECONÔMICO GLOBAL, MAS SUBMETIDO A INFLUÊNCIAS POLÍTICAS MÚLTIPLAS E FRAGMENTÁRIAS”.

Fernando Henrique Cardoso, em <http://goo.gl/mwLF17>

HENRY KISSINGER

Em seu recente livro *Ordem Mundial*, o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger expõe sua visão sobre a ordem global e seu funcionamento. Para ele, uma ordem mundial como é pensada hoje nunca existiu de fato, sendo, na verdade, uma “concordância em discordar” generalizada das potências europeias a partir do século XVII. Ou seja, não há consenso, mas uma habilidade de equilíbrio necessária à manutenção da paz. Ele questiona a vitalidade deste modelo e deixa em aberto o desafio de trilhar o futuro para os novos líderes mundiais.

3.1

G20 (Grupo dos 20)

Criado em 1999, o grupo reúne as principais economias do mundo - países industrializados e emergentes -, visando discutir questões críticas para o desenvolvimento da economia global.

QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS PAUTAS?

- Negociações econômicas internacionais;
- Políticas globais para promover a estabilidade econômica mundial;
- Flexibilização do mercado de trabalho;
- Criação de políticas voltadas para a desregulamentação econômica e liberação do comércio mundial.



VOCÊ SABIA?

Juntos, os países do G20 representam 90% do PIB mundial, 80% do comércio mundial e 2/3 da população total mundial.

“ATÉ A CRISE FINANCEIRA DE 2008, ERA ENTENDIDO QUE O G7 E O G8 PODERIAM COORDENAR DE MANEIRA SATISFATÓRIA OS DESAFIOS FINANCEIROS INTERNACIONAIS. MAS EM 2008, O CONSENSO ERA ‘OLHA, PRECISAMOS TRAZER OUTROS MEMBROS IMPORTANTES’. A ECONOMIA BRASILEIRA JÁ ERA MAIOR DO QUE A RUSSA NAQUELE MOMENTO” - **Antonio Patriota, representante permanente do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU).**

QUEM FAZ PARTE DO GRUPO?

ÁFRICA DO SUL	ESTADOS UNIDOS	RÚSSIA
ALEMANHA	FRANÇA	TURQUIA
ARÁBIA SAUDITA	ÍNDIA	UNIÃO EUROPEIA
ARGENTINA	INDONÉSIA	(representada pela
AUSTRÁLIA	ITÁLIA	presidência rotativa
BRASIL	JAPÃO	do Conselho da União
CANADÁ	MÉXICO	Europeia e pelo
CHINA	REINO UNIDO	Banco Central Europeu)

A PRESIDÊNCIA DO G20 É ANUAL E ROTATIVA E, EM 2016, ESTÁ SENDO EXERCIDA PELA CHINA.

QUEM REPRESENTA OS PAÍSES?

Durante os primeiros oito anos, apenas os Ministros de Finanças e Presidentes de Bancos Centrais participavam dos encontros.

A partir de 2008, em meio à crise financeira global, o grupo passou a contar com a participação dos Chefes de Estado no primeiro “G20 Leaders’ Summit”, consolidando-se como núcleo da governança internacional.

Também participam o Diretor-Gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Presidente do Banco Mundial.



O PAPEL DO BRASIL NO G20

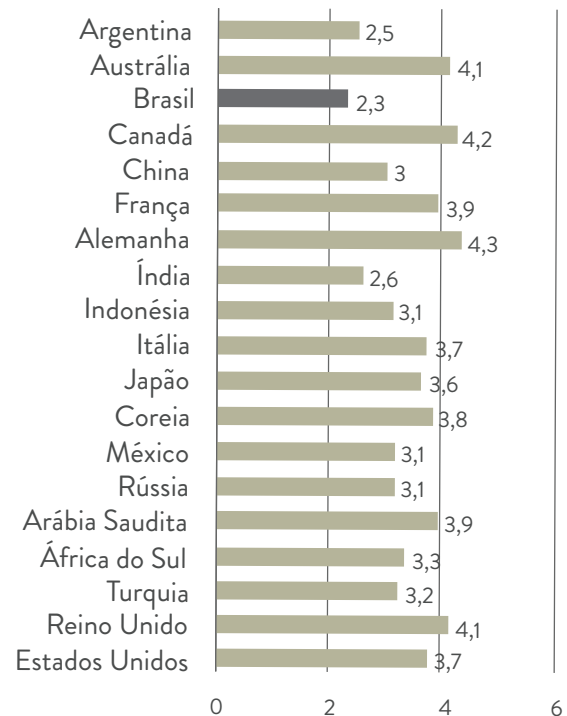
O Brasil foi presidente do G20 em 2008.

Principais tópicos da agenda: questão energética na economia global, políticas de crescimento econômico, eficiência dos gastos públicos e inclusão social.

Segundo levantamento da Câmara de Comércio Mundial, o Brasil é o país mais fechado para o comércio exterior entre todas as nações do G20. Em 2015, o país recebeu nota 2.3 (em uma escala de 1 a 6), atrás da Argentina e Índia.

ABERTURA DE MERCADO NO G20

Pontuação de 1 a 6



PAÍSES EMERGENTES:

ÁFRICA DO SUL
ARÁBIA SAUDITA
ARGENTINA
AUSTRÁLIA
BRASIL
CHINA
COREIA DO SUL
ÍNDIA
INDONÉSIA
JAPÃO
MÉXICO
RÚSSIA
TURQUIA

PAÍSES TRADICIONAIS:

ALEMANHA
CANADÁ
ESTADOS UNIDOS
FRANÇA
ITÁLIA
JAPÃO
REINO UNIDO

3.2

Fórum
Econômico
Mundial

O Fórum Econômico Mundial é uma organização sem fins lucrativos que se reúne anualmente, com a participação de autoridades, pesquisadores, jornalistas e líderes gerais para discutir temas variados que atendam aos interesses mundiais mais urgentes.

TEMA DA ÚLTIMA
REUNIÃO DO FÓRUM:
QUARTA REVOLUÇÃO
INDUSTRIAL.

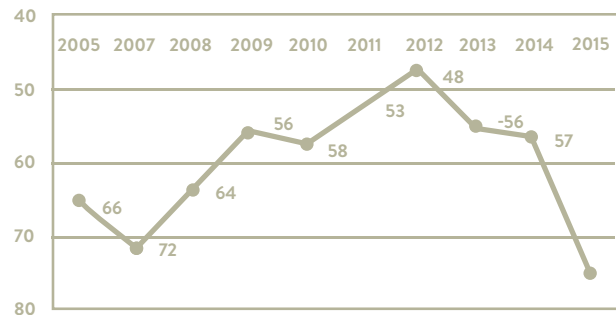
A discussão do papel da tecnologia de ponta na produção industrial foi pauta do último fórum. A relevância do assunto vêm da previsão de analistas de que nos próximos cinco anos ocorrerá a perda de cinco milhões de postos de trabalho. Este tema vem aliado às questões urgentes da crise dos refugiados na Europa, da crescente onda de terrorismo do Estado Islâmico e do fantasma da recessão de 2008 que ainda assombra muitos países.

Uma das principais atribuições do FEM hoje é a produção de relatórios e estudos sobre diversos aspectos da economia mundial.

RANKING DE COMPETITIVIDADE: O
BRASIL SOFREU UMA QUEDA NOTÁVEL

No último relatório liberado, o país caiu de 57º para 75º em nível de competitividade, com uma série de críticas: fraco desempenho econômico, alta carga tributária e deficiências de infraestrutura.

POSIÇÃO DO BRASIL NO RANKING DO
RELATÓRIO GLOBAL DE COMPETITIVIDADE
2006-2015



São 118 variáveis analisadas neste relatório, divididas em 12 categorias, como instituições, infraestrutura, saúde e educação primárias, sofisticação e inovação de negócios, eficiência do mercado, prontidão tecnológica, tamanho do mercado, entre outras.

As maiores quedas do ano passado foram no pilar “instituições”, que desceu em 27 posições, e no “ambiente econômico”, que caiu 45 lugares.

“PRINCIPAIS QUEDAS DO BRASIL
NO RANKING DE COMPETITIVIDADE”

POTENCIADORES DE EFICIÊNCIA	55º	REQUERIMENTOS BÁSICOS	103º
EDUCAÇÃO SUPERIOR E TREINAMENTO	93º	INSTITUIÇÕES	121º
EFICIÊNCIA DO MERCADO DE BENS	128º	INFRAESTRUTURA	74º
EFICIÊNCIA DO MERCADO DE TRABALHO	122º	AMBIENTE ECONÔMICO	117º
DESENVOLVIMENTO DO MERCADO FINANCEIRO	58º	SAÚDE E EDUCAÇÃO PRIMÁRIA	103º
PRONTIDÃO TECNOLÓGICA	54º	INOVAÇÃO E FATORES DE SOFISTICAÇÃO	64º
TAMANHO DO MERCADO	7º	SOFISTICAÇÃO DOS NEGÓCIOS	56º
		INOVAÇÃO	84º



O PAPEL DO
BRASIL NO FEM

Outro estudo feito pelo FEM é o que avalia a preocupação global na hora de fazer negócios em cada país. Neste ano, o Brasil foi classificado na seção de “conflitos políticos internos”, dadas as turbulências políticas recentes envolvendo a denúncia de esquemas de corrupção envolvendo diversos membros do Executivo e Legislativo.

3.3

União Europeia

A União Europeia é, hoje, o maior bloco econômico do mundo e, possivelmente, o mais bem sucedido. Desde suas origens, na Comunidade Econômica Europeia dos anos 1950, o bloco passou de 6 a 28 Estados-membros, contando com outros Estados candidatos.

A Croácia foi a última a formalizar sua adesão, em 2013. A UE ainda está negociando com Montenegro, Islândia e Turquia, enquanto Sérvia, Macedônia e Bósnia-Herzegovina se mantêm como pré-candidatas.

PARA ENTRAR NA UE

Antes de participar da zona do euro, o país recém integrado à UE deve realizar uma série de operações internas para se adequar às exigências da adoção da nova moeda. É o caso da Suécia, Polônia, República Tcheca, Hungria, Croácia, Romênia e Bulgária, que ainda estão trabalhando no controle de taxas cambiais e na conversão de preços. A exceção está no Reino Unido e na Dinamarca, que, por decisão de referendo à população, optaram por não aderir ao euro.

“O ESTABELECIMENTO DESTA PODEROSA UNIDADE DE PRODUÇÃO ABERTA A TODOS OS PAÍSES QUE NELA QUEIRAM PARTICIPAR E QUE PERMITIRÁ FORNECER A TODOS OS PAÍSES QUE A COMPÕEM OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL EM CONDIÇÕES IDÊNTICAS, E LANÇARÁ OS FUNDAMENTOS REAIS DA SUA UNIFICAÇÃO ECONÔMICA.”

- **Robert Schuman, ministro francês, em sua famosa Declaração Schuman em 1950. Esse discurso ficou conhecido como o fundador da futura União Europeia.**

QUAIS OS PRINCIPAIS ACORDOS FIRMADOS NAS FRONTEIRAS DA UE?

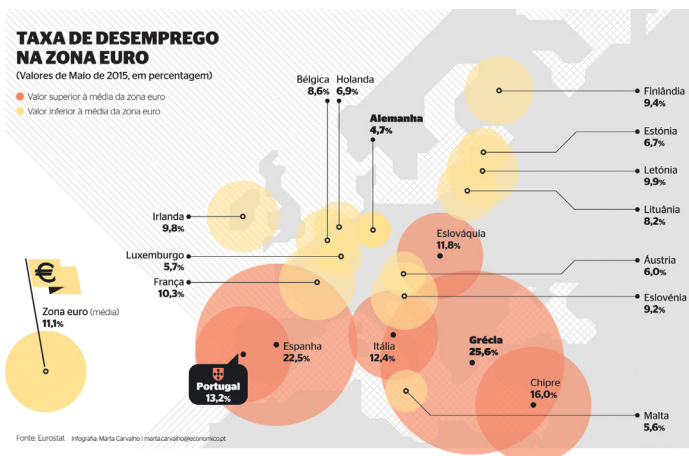
Unificação da moeda na zona do euro;
Tratados de mercado comum;
Livre circulação de cidadãos entre os países-membros.

A maior parte das definições do que é hoje o bloco foi firmada no Tratado de Maastricht (1992), que oficializou a criação da União Europeia e desenhou seus atuais formatos.

ALGUNS EFEITOS COLATERAIS...

DESEMPREGO NA UE

A União Europeia foi duramente afetada pela crise dos EUA de 2008. O saldo de desemprego em 2013 chegou a assustadores 27 milhões de pessoas.



A POSSÍVEL SAÍDA DO REINO UNIDO DO BLOCO

Há um longo debate sobre a participação britânica na União Europeia desde a assinatura do Reino Unido no Tratado de Maastricht (1992). Enquanto alguns criticam a interferência do bloco na política interna e soberania do país, outros defendem que a integração à União Europeia confere maior estabilidade política ao continente.

“NA MINHA VISÃO, É CONTRÁRIO AOS INTERESSES BRITÂNICOS E PREJUDICIAL PARA NOSSA DEMOCRACIA PARLAMENTAR [QUE O PAÍS FAÇA PARTE DA UNIÃO EUROPÉIA]”. Margaret Thatcher, em 1993, um ano após a entrada do país na UE (carta ao então Primeiro-Ministro Bill Cash).

“É DO INTERESSE NACIONAL DO REINO UNIDO ‘MANTER O OBJETIVO COMUM NA EUROPA’. ESSE OBJETIVO NECESSITA QUE O REINO UNIDO SE MANTENHA COMO ESTADO-MEMBRO DE FORMA A EVITAR FUTUROS CONFLITOS ENTRE PAÍSES EUROPEUS.” David Cameron, atual primeiro ministro britânico, em fala sobre a possível saída do Reino Unido como uma ameaça à paz na Europa.

O PAPEL DO BRASIL COM A UNIÃO EUROPEIA

O Brasil é o oitavo sócio comercial da União Europeia responsável por cerca de 20% das exportações e importações.

Esta relação vem diminuindo nos últimos anos, mas poderia ser potencializada perante as negociações de um acordo de livre comércio entre a UE e o Mercosul, ainda em andamento, e que, conforme estimativas, poderia aumentar as exportações brasileiras em 12%.

3.4

BRICS

A síntese da nova ordem global se encontra numa das siglas mais relevantes dos últimos anos: os BRICS, expressão criada para designar os maiores emergentes do século XXI:

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

SOMADOS, OS BRICS SÃO RESPONSÁVEIS POR CERCA DE 21% DO PIB MUNDIAL.

PIB DOS BRICS (DADOS 2014)

- BRASIL - 2,215 TRILHÕES
- RÚSSIA - 2,092 TRILHÕES
- ÍNDIA - 1,995 TRILHÃO
- CHINA - 10,027 TRILHÕES
- ÁFRICA DO SUL - 354 BILHÕES

TAXA DE POBREZA EXTREMA:

- CHINA: 84% EM 1981 PARA 12% EM 2009.
- ÍNDIA: QUEDA FOI DE 60% PARA 33% NO MESMO PERÍODO.

A China fatura mais do que seus parceiros somados. Mas, apesar de ainda bastante alto, seu crescimento desacelerou nos últimos anos, contra os gigantes 14% de aumento do PIB em 2007.

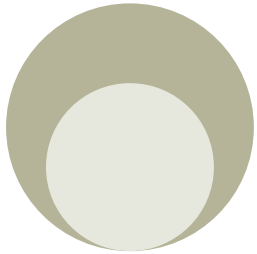
“AGORA, AS ANTIGAS ‘BALEIAS’, CHINA, ÍNDIA, BRASIL E RÚSSIA, SE TRANSFORMARAM EM EVENTUAIS POLOS DE DESENVOLVIMENTO; NÃO APENAS EXPORTAM, MAS CONSOMEM E PRODUZEM PARA MERCADOS DOMÉSTICOS DE GRANDE PORTE” -**Fernando Henrique Cardoso, em Xadrez Internacional e Social-Democracia**

O QUE OS UNE?

- Culturas diametralmente opostas;
- Recursos naturais em abundância;
- Grandes populações;
- Ritmo desenfreado de crescimento econômico.

Nos últimos anos, a participação dos BRICS no PIB mundial aumentou a níveis galopantes, mesmo em período de recessão generalizada. Hoje, com exceção da África do Sul, eles estão entre as 10 maiores economias do mundo, liderados pela China.

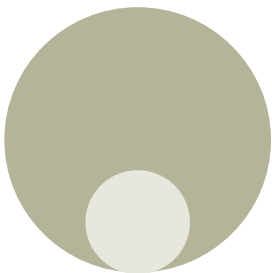
PESO DOS BRICS NO MUNDO



43%
DA POPULAÇÃO
MUNDIAL



27%
DA ÁREA TOTAL
DO MUNDO



23%
DO PIB MUNDIAL,
CONSIDERANDO
A PARIDADE
DO PODER
DE COMPRA

NBD

A tentativa de balançar os alicerces das estruturas de poder mundiais já está sendo colocada em prática pelos BRICS. Da multipolarização de influências e domínios, surge o Novo Banco de Desenvolvimento, que foi fundado em acordo conjunto dos países e entrou em funcionamento em julho de 2015. O NBD é tido pelos BRICS como alternativa ao Banco Mundial e ao FMI, sob pleno controle dos Estados Unidos.

MOMENTO ATUAL

Depois da China, o Brasil mantém destaque juntamente à Rússia, com números bastante equivalentes de crescimento. Com a crise econômica batendo à porta, o Brasil teve um desaceleramento que pode culminar no segundo pior desempenho do mundo em 2016, conforme estimativas do FMI. Ainda assim, o país mantém sua posição de sétima maior economia do mundo, pouco atrás do Reino Unido.

3.5

OUTRAS CENAS INTERESSANTES DA NOVA ORDEM

ACORDO DE ASSOCIAÇÃO TRANSPACÍFICO

Liderado pelos EUA e pelo Japão, o Transpacific Partnership ou TPP é um marco para o livre comércio mundial e une sob o mesmo acordo 40% da economia mundial. O acordo envolve mais 10 países: Austrália, Brunei, Canadá, Chile, Malásia, México, Nova Zelândia, Peru, Cingapura e Vietnã.

Como principais objetivos, o tratado visa promover o crescimento econômico e a criação e manutenção de trabalhos, e incentivar inovação, produtividade e competitividade. Dentro do jogo político internacional, os EUA buscam com o tratado diminuir a força da China na região do Pacífico e permitir que produtos “Made in America” cheguem na região.

ACORDO DE PARIS

O Acordo de Paris de 2015 entra no lugar do Protocolo de Kyoto de 1997. Diferente do seu predecessor, que possuía 40 países signatários, o Acordo de Paris tem mais de 190 países signatários.

O acordo valerá a partir de 2020 e institui o “teto” do aquecimento global para 1,5 °C. É a primeira legislação internacional com obrigações para todos os países.

Os pilares do acordo envolvem a descarbonização através do fim de uso de combustíveis fósseis e de metas de emissão, a contribuição de 100 bilhões de dólares anuais dos países em investimentos de energias não poluentes e o papel de biomas como sumidouros de carbono, entre outros.

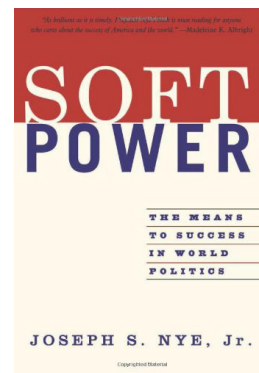
RODADAS DE DOHA

A rodada de Doha tem 15 anos e pouco foi acordado entre os 162 países integrantes da OMC que correspondem a 98% do comércio mundial. O brasileiro Roberto Azevêdo, Diretor-Geral da Organização Mundial do Comércio desde 2013, conseguiu nas duas últimas rodadas, em 2013 e 2015, os primeiros acordos multilaterais que visaram facilitar o comércio e regular os subsídios às exportações agrícolas, permitindo maior competitividade de países em desenvolvimento, como o Brasil. O futuro das Rodadas de Doha são incertas, uma vez que países buscam acordos comerciais por fora da OMC.

4

INDICAÇÕES
DE LEITURA

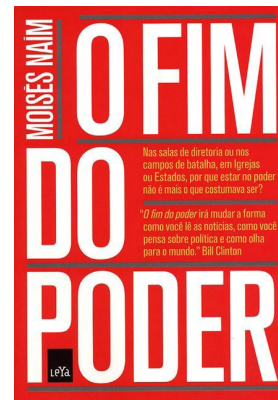
XADREZ
INTERNACIONAL
E SOCIAL-
DEMOCRACIA.
(Fernando Henrique
Cardoso, Editora
Paz e Terra)



SOFT POWER
- THE MEANS
TO SUCESS IN
WORLD POLITICS
(Joseph Nye,
Editora Publicaffairs)



BRASIL GLOBALIZADO
- O BRASIL EM
UM MUNDO
SURPREENDENTE
(Fernando Henrique
Cardoso, Editora
Campus Elsevier)



FIM DO
PODER.
(Moises Naim,
Editora Leya)

Henry
Kissinger
Ordem
mundial



ORDEM
MUNDIAL
(Henry Kissinger,
Editora Objetiva)

5 PARA SABER MAIS



4 GRÁFICOS QUE MOSTRAM A EXPLOSÃO DA DESIGUALDADE NO MUNDO
<http://goo.gl/Th5qUi>



5 DADOS QUE DEFINEM ONDE ESTÃO (E PARA ONDE VÃO) OS BRICS
<http://goo.gl/jfwVEk>



TAMANHO É DOCUMENTO: LÍDERES DO BRICS TÊM 17 TRILHÕES DE MANEIRAS DE ENFRENTAR OS EUA
<http://goo.gl/6pbNIY>



O BRASIL E AS OPERAÇÕES DE PAZ DA ONU
<http://goo.gl/9GY2yS>



VEJA OS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES DO TRATADO COMERCIAL DO PACÍFICO
<http://goo.gl/rFDDcr>



PAÍSES ASSINAM ACORDO INÉDITO PARA CONTER AQUECIMENTO GLOBAL
<http://goo.gl/YzDQLR>



OMC LAMENTA FALTA DE DECISÃO PARA CONCLUIR RODADA DE DOHA
<http://goo.gl/TcxaZ4>



FHC E LULA, POLÍTICAS EXTERNAS DIVERGENTES
<http://goo.gl/i3WvZT>



DIRETOR-GERAL DA OMC LISTA AS “DEZ REGRINHAS” DO BOM NEGOCIADOR
<https://goo.gl/2Dkx1y>



BEHIND THE SCENES OF THE UN GENERAL ASSEMBLY
<https://goo.gl/i00QQC>



O FUTURO DO COMÉRCIO GLOBAL (WEF, DEBATE DE DAVOS 2016)
<https://goo.gl/opv34w>



LOOKING TO 2060: A GLOBAL VISION OF LONG-TERM GROWTH (OECD)
<https://goo.gl/LbbGRz>



PALESTRA DO TED POR JOSEPH NYE, O CRIADOR DO TERMO “SOFT POWER”
<http://goo.gl/Nqa9zF>



AULA DE JOSEPH NYE SOBRE O PODER GLOBAL NO SÉCULO XXI (CENTRAL EUROPEAN UNIVERSITY)
<https://goo.gl/Ng3fuW>



HENRY KISSINGER DISCUTE SEU LIVRO “ORDEM GLOBAL”
<https://goo.gl/Pg6lAe>



A CONVERSATION WITH HENRY KISSINGER BY THE NEW YORK TIMES
<https://goo.gl/9BkNMM>



PALESTRA FHC - GLOBALIZAÇÃO: O QUE É E O QUE SIGNIFICA PARA O BRASIL?
PARTE 1: <https://goo.gl/rx7dDw>
PARTE 2: <https://goo.gl/eWC6Gs>



FUNDAÇÃO FHC: NOVOS RUMOS DA ECONOMIA E DA POLÍTICA EXTERNA CHINESAS
<https://goo.gl/3ppnrH>

6

ARTIGO
FHC**DIPLOMACIA INERTE**
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO -
1 Mar 2014 para o El País

Domingo de Carnaval, convenhamos, não é o melhor dia para ler artigo sobre política internacional. Mas, que fazer? Coincidiu que o dia de minha coluna fosse hoje e não tenho jeito nem vontade de escrever sobre as alegrias de Momo. Por mais que nos anestesiemos no Carnaval, o meio circundante não alenta alegrias duráveis.

Comecemos do princípio. Acho que houve um erro estratégico desde o governo Lula na avaliação das forças que predominariam no mundo e da posição do Brasil na ordem internacional que se transformava. Não me refiro ao que eu gostaria que ocorresse, mas às tendências que objetivamente se foram configurando. Nossa diplomacia guiou-se pela convicção de que um novo mundo estava nascendo e levou o Presidente, em sua natural busca de protagonismo, a ser o arauto dos novos tempos. A convicção implícita era a de que pós-Muro de Berlim, depois de breve período de quase hegemonia dos Estados Unidos, pregada pelos seus teóricos do neo-conservadorismo, e da corte de equívocos da política externa daquele país (invasão do Iraque, do Afeganistão, isolamento da Rússia, apoio acrítico a Israel em sua política de assentamentos de colonos etc.) e dos desastres provocados por estas atitudes, assistiríamos a uma correção de rumos.

De fato, houve essa correção de rumos, mas a direção esperada pela cúpula da diplomacia brasileira e por setores políticos sob influência de alas anti-americanas do PT era a do “declínio do Ocidente”, com a perda relativa do protagonismo americano e a emergência das forças novas: a China (o que ocorreu), o mundo árabe, em especial os países petrolíferos, a África e, naturalmente a América Latina, como parte deste “terceiro mundo” renascido. Esta visão encontra raízes em nossa cultura diplomática desde os tempos da “política externa independente”, de Jânio Quadros, e encontra eco nos sentimentos de boa parte dos brasileiros, inclusive de quem

escreve este artigo. Sempre sonhamos com um mundo multipolar no qual “os grandes” tivessem que compartilhar poder e nós, brasileiros, pouco a pouco nos tornássemos parceiros legítimos do grande jogo de poder global.

Contudo, uma coisa é desejar um objetivo, outra é analisar as condições de sua possibilidade e atuar para que, dentro do possível, buscando ampliar seus limites, nos aproximemos do que consideramos o ideal. Nisso é que o governo Lula calculou mal. Se a Europa, sobretudo depois da crise financeira de 2008, perdeu tempo em tomar decisões e está até hoje embrulhada na indefinição sobre até que ponto precisará integrar-se mais (compatibilizando as políticas monetárias com as fiscais), ou voltar, na linguagem de De Gaulle, a ser a “Europa das Pátrias”, nem a China se perdeu nos devaneios maoístas, nem os Estados Unidos no neoconservadorismo que acreditava que a América poderia agir como se fosse uma hiperpotência. Pelo contrário, a China lançou-se às reformas para inverter o polo investimento/consumo, diminuindo aquele e aumentando este, e os americanos deixaram de lado a ortodoxia monetarista, recalibraram a sua política externa e se jogaram à inovação das fontes de energia. Hoje propõem uma coexistência competitiva, mas pacífica com a China, baseada no comércio, e lançam cordas para que a Europa saia do marasmo e se incorpore aos Estados Unidos, que funcionariam como dobradiça entre a China e a Europa, formando um formidável tripé.

Enquanto isso, o Brasil faz reuniões com países árabes, que não deixam de ter sua importância, propõe negociações sobre o Irã em coordenação com a Turquia (imaginem-se se os turcos fariam o mesmo, propondo-se a ajudar o Brasil para resolver o litígio das papelarias entre Uruguai e Argentina...), abre embaixadas nas mais remotas ilhas para, com o voto de países sem peso na mesa das negociações, chegar ao Conselho de Segurança. Por outro lado, comporta-se timidamente quando a Petrobrás é expropriada pela Bolívia, interfere contra o sentimento popular em Honduras, se abstém de entrar em bolas divididas, como no conflito argentino-uruguaio, além de calar diante de manifestações anti-democráticas quando elas ocorrem nos países de influência “bolivariana”.

Noutros termos: escolhemos parceiros errados, embora, em si mesma a relação Sul/Sul seja desejável, e menosprezamos os atores que estão saindo da crise como principais condutores da agenda global, exceção parcial feita à China (neste caso, não há menosprezo, mas falta de estratégia). Perdemos liderança na América Latina, hoje atravessada pela cunha bolivariana que parte da Venezuela com apoio de Cuba, estende-se acima até a Nicarágua, passa pelo Equador, abaixo, desce direto à Bolívia e chega à Argentina. No outro polo, se consolida o Arco do Pacífico, englobando Chile, Peru, Colômbia e México e nós ficamos encurralados no Mercosul,

sem acordos comerciais bilaterais e, pior, calados diante de tendências anti-democráticas que surgem aqui e ali.

Ainda agora, na crise da Venezuela, é incrível a timidez de nosso governo em fazer o que deve: não digo apoiar este ou aquele lado em que o país rachou, mas pelo menos agir como pacificador, restabelecendo o diálogo entre as partes, salvaguardando os direitos humanos e a cidadania. O Mercosul, desabridamente se põe do lado do governo de Maduro. O Brasil, timidamente, se encolhe enquanto o partido da Presidente apoia o governo venezuelano, sem qualquer ressalva às mortes, aprisionamento de opositores e cortinas de fumaça que querem fazer crer que o perigo vem de fora e não das péssimas condições em que vive o povo venezuelano.

Agindo assim, como esperar que, chegada a hora, a comunidade internacional reconheça os direitos que cremos ter (e de fato poderíamos ter) de tomar assento nas grandes decisões mundiais? Fomos incapazes de agir, ficamos paralisados em nossa área de influência direta. A continuar assim, que contribuição daremos a uma nova ordem global? Chegou a hora de corrigir o rumo. Que a crise venezuelana nos desperte da letargia.

Em: <http://goo.gl/yB2F6E>

FHC - Sonhos Possíveis e Ideias de Transformação é um Programa desenvolvido pela Rogatis para trabalhar na formação da nova liderança nacional. Esse conteúdo é parte integrante do Programa e exclusivo aos seus participantes.